

Em busca da folkconvivialidade: aproximações entre a Teoria da Folkcomunicação e o pensamento filosófico-educacional de Ivan Illich

Marcelo Sabbatini¹

RESUMO

Um dos mais polêmicos filósofos da educação, Ivan Illich destacou-se na década de 1970 por sua análise da sociedade capitalista-industrial. Porém, sua “sociedade sem escolas” é um dos aspectos de uma análise mais ampla, abrangendo a falência dos meios de transportes urbanos, da medicina e do sistema sanitário, do consumismo e do equilíbrio ecológico global, em uma perspectiva de concentração de poderes pelas instituições sociais formais. Neste sentido, Illich defendia o resgate destes processos sequestrados pela institucionalização do mundo, incluindo os fluxos comunicacionais. As noções de convivialidade e de redes de aprendizagem propostas por ele guardam notável semelhança com a comunicação dos excluídos desvelada pela Folkcomunicação. Em uma tentativa de compreensão transdisciplinar, analisamos os paralelos conceituais entre o pensamento de Ivan Illich e a teoria folkcomunicacional de Luiz Beltrão, destacando as ferramentas conviviais como elo comum para um conceito de folkconvivialidade.

PALAVRAS-CHAVE

Ivan Illich. Convivialidade. Instituições Sociais. Folkcomunicação. Redes de Aprendizagem.

In search of folkconvivialidade: similarities between the Theory of Folkcomunicação and educational and philosophical thought of Ivan Illich

ABSTRACT

Known as the “cursed” theoretician of philosophy of education Ivan Illich in the wake of his critics to the capitalist-industrial society in the 1970's gained notoriety as well as many criticism. However, the unschooling proposed in his most famous book is only one facet of a wider analysis, encompassing the failure of urban transportation, of medicine and the healthcare system, of consumerism and of the global environmental equilibrium, in a perspective of power concentration by the formal social institutions. In this sense, Illich defended people to regain control over those processes kidnapped by the institutionalization of the world, including communicational fluxes. Notions of conviviality and of learning networks proposed by him resemble the communication of the excluded revealed by Folkcomunicação. In an attempt of transdisciplinary comprehension, we analyze the conceptual parallels between Ivan Illich's thought and the folkcomunicacional theory developed by Luiz Beltrão, having convivial tools as a common denominator for the emerging folkconvivialidade.

KEYWORDS

Ivan Illich. Unschooling. Social institutions. Folkcomunicação. Learning Networks.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: marcelo.sabbatini@gmail.com.

“Ninguém é desinteressante.
Seu destino é semelhante à crônica dos planetas.
Nada há nele que não seja particular,
cada planeta é diferente do outro”.
(Yevgeny Yevtushenko)

INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo turbulento... E sabíamos que iria ser assim. De um capitalismo que desaba diante da insustentabilidade do consumo pelo mero consumo, do caos gerado pela (i)mobilidade urbana, dos sistemas de atenção a saúde, tanto públicos, como privados, à beira da falência e chegando ao desafio da sustentabilidade planetária, as contradições da sociedade industrial e tecnológica haviam sido identificadas e alertadas muito antes, a partir da década de 1960.

Entre estas vozes dissonantes, a de um filósofo, anarquista, reformista, ativista e padre católico que em seu tempo ganhou notoriedade nos círculos acadêmicos, com suas obras inseridas dentro de um contexto mais amplo de crítica ao capitalismo: Ivan Illich.

Um dos mais polêmicos (e talvez incompreendidos) pensadores de seu tempo, este europeu radicado no América Latina mostrou-se um visionário, tendo antevisto as consequências do consumismo, do impacto dos automóveis sobre a sociedade, da fetichização e tecnologização da medicina. Mas apesar destes *insights*, o trabalho que o transformou em ‘maldito’ foi sua crítica ao papel da escola como elemento de progresso, oferecendo em troca uma tese radical: a desescolarização da sociedade.

E no momento atual, quando suas ácidas análises são recuperadas de um ‘esquecimento seletivo’, propomos uma questão: como relacionar suas contribuições com a de outro intelectual contemporâneo seu, autor também de uma tese que vinha em contra ao do sistema hegemônico dos meios de comunicação de massa? Como relacioná-lo a Luiz Beltrão e à Folkcomunicação?

SOBRE O HOMEM

Ivan Illich nasceu no seio de uma família abastada, em Viena, Áustria, em 1926, estudando desde cedo em uma escola religiosa. Após ser expulsa de seu país natal devido às leis antissemitas, sua família emigrou para a Itália, onde o jovem estudaria Filosofia e Teologia; mais tarde, terminado o jugo nazista, retornaria e obteria seu título de doutor em Filosofia pela Universidade de Salzburgo.

Cosmopolita, foi cogitado pelo Vaticano para seguir a carreira diplomática; optou por uma vida mais ascética e no início dos anos 1950 chegava à Nova Iorque, como pároco de uma

congregação que acolhia as comunidades imigrantes católicas, irlandesa e porto-riquenha. Foi durante este período que desenvolveu uma habilidade especial de enxergar através dos olhos de pessoas de culturas distintas que a sua, cultivando uma “sensibilidade intercultural” (GAJARDO, 2000).

Em 1956, ingressa na Universidade Ponce de León, em Porto Rico, onde se torna vice-reitor e cria o Centro de Comunicação Intercultural. Contudo, devido a divergências em relação às políticas da Igreja Católica, abandona a Universidade e se dirige ao México, onde funda em 1961 o Centro de Informação e Documentação (CIDOC)², na cidade de Cuernavaca. Intencionado como ser um centro de treinamento para missionários norte-americanos destinados à América Latina, as atividades ali desenvolvidas junto às comunidades pobres e oprimidas levam Illich a sua reflexão sobre os processos educacionais, que logo centrariam a atenção de sua obra.

Em pouco tempo, e até meados dos anos 1970, o CIDOC se tornará então um ponto de convergência para a reflexão e o debate sobre questões relacionadas à cultura e à educação, recebendo a visita de diversos intelectuais, incluindo o brasileiro Paulo Freire, que buscam alternativas à escolarização formal predominante na sociedade tecnológica.

Tendo criado uma mística a seu redor e já suficientemente célebre pela polêmica que suscitava, Ivan Illich não deixou de lado sua crítica da Igreja, para ele um gigantesco negócio, cujo único objetivo seria se autoperpetuar. Esta visão heterodoxa, por não dizer contracultural, junto a sua defesa radical das populações empobrecidas ou de alguma forma excluídas, levaram-no primeiro a deixar a batina e logo a ser expulso da vida eclesiástica, já em 1969³.

Paulatinamente, seu trabalho se orientou mais à comunidade internacional, com um afastamento em relação aos temas latino-americanos e ao labor missionário. Antes do final da década, retorna à Europa. Até sua morte, em 2002, continuou a escrever e a dissertar sobre a necessidade de se repensar as instituições e a forma como elas provêm (ou melhor, deixam de prover) as necessidades humanas em campos tão diversos como a educação, a indústria, o governo, a saúde, a economia, o urbanismo e o equilíbrio ecológico⁴.

2 É curioso o paralelo com a biografia de Luiz Beltrão, que em 1963 criou na Universidade Católica de Pernambuco o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), visando treinamento e aperfeiçoamento de profissionais, aprimoramento e incentivo da produção acadêmica e a realização de intercâmbios em prol da circulação do conhecimento científico.

3 Novo paralelo, no sentido de que a Teoria da Folkcomunicação de Beltrão, também revolucionária para seu tempo, junto a sua luta pela democracia nos meios de comunicação, levaram à cassação de seu título de doutor e afastamento da Universidade de Brasília em 1967, no auge da ditadura militar.

4 O pensamento crítico de Ivan Illich se baseia em uma longa tradição histórica, iniciando-se com o debate entre Rousseau com os filósofos Iluministas, e notadamente Voltaire, a respeito da degradação dos valores morais e demais impactos negativos advindos do progresso tecnológico e do afastamento do Homem em relação à Natureza; às análises de Durkheim, Marx e Thoreau sobre as desigualdades do sistema capitalista e

A CRÍTICA DAS INSTITUIÇÕES

Em comum a todos estes campos a atividade humana, Ivan Illich encontra o conceito de instituição como o grande entrave e paradoxo de nossa era. Em poucas palavras, ele expressa o risco de institucionalizar a sociedade em “confundir processo com substância”. Dessa forma, ter acesso à escola não significa necessariamente ter acesso ao saber, ter acesso aos hospitais não é garantia de ter saúde e assim por diante. Pelo contrário, a institucionalização é capaz de criar ainda mais necessidades e lacunas.

Pollard (2005) resume o pensamento de Illich em quatro pontos principais. Em primeiro lugar, uma crítica do processo de institucionalização, na medida em que a partir da Era Moderna a sociedade em que vivemos depende cada vez mais de organizações para funcionar, desde o momento em que nascemos até a morte. Empresas, repartições públicas, escolas, hospitais, cemitérios, todos os aspectos da vida são tomados por instituições.

A vida, hoje, em Nova York, dá-nos uma visão muito especial do que é e do que pode ser, e sem esta visão a vida em Nova York é impossível. Uma criança, nas ruas de Nova York, nada toca que não seja cientificamente desenvolvido, traçado, planejado e vendido a alguém. Até as árvores estão lá porque o Departamento de Parques decidiu colocá-las aí. As piadas que ouve na televisão foram programadas com elevados custos. Os objetos com que brinca nas ruas do Harlem são restos de embalagens que se destinavam a alguém. Mesmo os desejos e temores são institucionalmente modelados. A força e a violência são organizadas e controladas; os «grupos» versus a polícia. A própria aprendizagem é definida como consumo de assuntos, resultado de programas pesquisados, planejados e promovidos. Qualquer bem existente é produto de alguma instituição especializada. Seria loucura exigir algo que nenhuma instituição pudesse fornecer (ILLICH, 1973, p. 73).

Contudo, para Illich este processo teria seu lado negativo, com a perda progressiva da autonomia e da liberdade individuais, por não dizer da criatividade. Assim,

Pobres e ricos dependem igualmente de escolas e hospitais que dirigem suas vidas, formam sua visão de mundo e definem para eles o que é legítimo e o que não é. O medicar-se a si próprio é considerado irresponsabilidade; o aprender por si próprio é olhado com desconfiança; a organização comunitária, quando não é financiada por aqueles que estão no poder, é tida como forma de agressão ou subversão. A confiança no tratamento institucional torna suspeita toda e qualquer realização independente. O progressivo subdesenvolvimento da autoconfiança e da confiança

da industrialização, segue-se uma crítica da técnica, através de Lewis Mumford, dos pensadores da Escola de Frankfurt e notadamente de Jacques Ellul. Já as décadas de 1960 e 1970 trazem as contribuições de R. Buckminster Fuller e E. F. Schumacher em resposta às denúncias feitas pelo movimento ambientalista a respeito dos impactos da civilização técnico-industrial, com a proposição de tecnologias simples, baratas, eficientes e respeitosas ao meio-ambiente, conceitos estes incorporados à noção de convivialidade.

na comunidade é mais acentuada em Westchester do que no Nordeste do Brasil (ILLICH, 1973, p. 23).

Uma das consequências desta institucionalização é o advento dos especialistas, o qual irá constituir o segundo eixo da crítica. Na sociedade racionalista, o poder de decisão é outorgado às mãos dos técnicos-especialistas de um determinado campo cartesiano do conhecimento, novamente em detrimento dos indivíduos e de outros saberes, como por exemplo o conhecimento tradicional.

As tecnocracias formadas teriam como consequência adicional um círculo vicioso, onde 'especialistas demandam mais especialistas', criando um monopólio ('barricadas institucionais') em relação à capacidade de se criar conhecimento na área e de validá-lo. Se podemos intuir nossa atual dependência em relação aos especialistas em uma casual visita ao mecânico de automóveis ou ao escritório de um advogado, Illich desenvolveu este aspecto de sua crítica naquele que talvez seja seu segundo livro mais conhecido: 'Nêmesis da Medicina' (1975), onde argumenta que a saúde humana tornou-se indubitavelmente refém de um sistema técnico-científico marcado pela exclusão e pela desigualdade de acesso. Mas de forma geral,

O que conta numa sociedade de mercado intensivo não é o esforço por agradar ou o prazer que brota desse esforço, mas o acoplamento da força de trabalho com o capital. O que conta não é conseguir a satisfação que brota da ação mas o status da relação social que a produção exige, isto é: o emprego, a situação, o posto ou a designação. [...] O trabalho é produtivo, respeitável, digno de um cidadão somente quando está planejado, dirigido e controlado por um agente profissional que assegure que esse trabalho responde a uma necessidade diplomada em forma padronizada. Numa sociedade industrial avançada torna-se quase impossível procurar ou imaginar o ócio como condição para um trabalho útil, autônomo (ILLICH, 1979, p. 54).

Tendo sido as atividades humanas institucionalizadas e relegadas com exclusividade às mãos dos especialistas, emerge o terceiro eixo, a crítica da comoditização, no sentido marxista do termo, e da fetichização de aspectos tão fundamentais da vida humana como são o trabalho, a saúde e a educação, entre outros. Nesta perspectiva, Illich pondera a respeito da medida em que estes conceitos se tornaram objetos, mercadorias que são comercializadas em uma economia de mercado, regidas por leis como a da oferta e da procura.

Neste sentido, a escassez, entendida como o não fornecimento destes serviços de forma ampla, gera a exclusão social, contradição marcante do sistema capitalista. Este aspecto de sua crítica é mais patente em sua crítica à escola (ver próxima seção), como uma expressão da atividade educacional institucionalizada, dominada por especialistas e transformada em um

produto etiquetado, uma ‘coisa’, mais de do que uma atividade humana complexa: “quem possui uma habilidade tira proveito de sua escassez e não de sua reprodução. O professor que se especializa em transmitir determinada habilidade tira proveito do fato de o artesão não querer difundir largamente aquilo que aprendeu” (ILLICH, 1973, p. 147).

Finalmente, Illich também desenvolve a ideia da contraprodutividade, ou a perda progressiva da eficiência em função do processo de institucionalização. Embora seja um conceito que esteja difundido em toda sua obra, a contraprodutividade é melhor exemplificada por sua crítica ao carro e ao sistema de transportes em geral (ILLICH, 2005): a configuração dos espaços urbanos, que em seu momento privilegiaram a velocidade, a mobilidade individual, paulatinamente resultou em uma situação em que o carro tornou-se ineficiente, paralisado em congestionamentos intermináveis, superado pelo ritmo de uma caminhada:

Nossas instituições mais importantes adquiriram o poder misterioso de subverter e inverter os próprios propósitos para os quais foram originalmente construídas e financiadas. Sob o controle de nossos profissionais mais prestigiados, nossas ferramentas institucionais têm como produto principal a contraprodutividade paradoxal — a inabilitação sistemática da cidadania. Uma cidade construída em função das rodas torna-se inapropriada para os pés, e nenhum aumento do número de rodas pode superar a imobilidade fabricada desses aleijados. A ação autônoma se paralisa pelo excesso de mercadorias e tratamentos. Mas isto não representa simplesmente uma perda líquida de satisfações, coisa que não se enquadra com a Idade Industrial; a impotência de produzir valores de uso torna, em última análise, contrapropositiva as próprias mercadorias criadas para substituí-las. O uso do automóvel, do médico, da escola ou do administrador é mercadoria que produz incomodidades inevitáveis a seu consumidor, e que retém seu valor líquido só para o prestador de serviços (ILLICH, 1979, p. 42).

Dessa maneira, através de sua postura filosófica, frequentemente recebida polemicamente, Ivan Illich lançou uma série de incômodas indagações a respeito da sociedade industrial e de seu distintivo processo de institucionalização. Resumindo, “saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins” (ILLICH, 1973, p. 21). Mas é na ‘aprendizagem’, isto é, na educação que Ivan Illich desenvolve mais marcadamente sua crítica, conseguindo chamar a atenção internacional para sua radical proposta de desescolarização.

UMA SOCIEDADE SEM ESCOLAS

Embora a obra de Illich veja nas instituições sociais as fontes de desigualdade e de perda da autonomia humana, é na educação que este processo seria privilegiado. Ao final, é através da educação formal que os novos cidadãos e consumidores são formados, com suas crenças e

valores demarcados desde um princípio pelo *status quo*, levando a uma reprodução da sociedade industrial.

Dessa forma, ainda que sua crítica seja mais ampla, a escola é sua eleita como representante do processo de institucionalização descrito anteriormente. A mudança em direção a uma sociedade mais justa passaria então pela “desescolarização”, na medida em que o “o direito de aprender é limitado pela obrigação de ir à escola”.

Por ser um dos aspectos mais chamativos da obra de Illich e por ser também sobre esta crítica que ele irá propor novas formas de organização social que a nosso ver se relacionam com os princípios folkcomunicacionais, convém dedicar um pouco de atenção a esta tese. Originalmente apresentada em dois artigos (‘Escola: a vaca sagrada’ e ‘Na América Latina, para que serve a escola?’), a ideia é desenvolvida no paradigmático livro ‘Sociedade Sem Escolas’, publicado em inglês em 1970 e, em espanhol e em português em 1973.

Todavia, como este pensador chega a uma proposta tão surpreendente? Illich parte de um mito dos ‘valores institucionalizados’, baseado na crença de que a escola produz algum valor (aprendizagem), gerando demanda para mais escolas produzirem mais deste valor, o qual pode ser medido e quantificado através de graus e certificados. Através do que denomina sucessivos “filtros”, os indivíduos são eleitos ou então expulsos da participação social e econômica, segundo o grau que alcancem dentro do sistema educativo formal.

Parte desta crítica se baseia em uma perspectiva epistemológica; para ele, entretanto, a aprendizagem é fruto não da ação comunicacional unidirecional que caracteriza a muito do ensino formal, mas da interação entre aprendentes automotivados, situados em ambientes que favoreçam a aquisição de conhecimento relevante.

Dessa forma, “são as potencialidades, a importância da autoformação, das situações educativas não-formais, da relação muito directa entre a socialização e a aprendizagem, a valorização daquilo que as pessoas sabem como ponto de partida para construírem a sua autonomia – tudo contrário àquilo que faz a escola” (ILLICH, 2005).

Contudo, o ‘*ethos* escolarizado’ faz com que a sociedade invista mais e mais em uma escolarização universal impossível por princípio e ineficiente em sua contraprodutividade, fazendo com que os problemas sejam agravados pelas soluções⁵.

Finalmente, a educação, como outras instituições busca moldar e distorcer a visão da

5 Como exemplo presente e recente, o número de horas-aula no sistema de ensino fundamental e médio brasileiro foi aumentado; resta saber qual impacto desta medida de ‘mais conteúdo’ ou ‘mais escola’ em um sistema que apresenta graves déficits em relação à estrutura, gestão, financiamento, remuneração profissional e valorização social, entre outros.

realidade; por isso “escola se tornou a religião universal do proletariado modernizado, e faz promessas férteis de salvação aos pobres da era tecnológica” (ILLICH, 1973, p. 35), “um rito de iniciação que introduz o neófito na sagrada corrida do consumo progressivo” (ILLICH, 1973, p. 83), uma “tortura pedagógica para manter submissa a população” (ILLICH, 1973, p. 92), nas palavras ferinas do mestre.

Como instituição emblemática, em uma transformação radical da sociedade industrial tecnológica, a escola deveria ser substituída por um novo tipo de organização social. Mas qual? E como se constitui?

A CONVIVIALIDADE E AS TEIAS DE EDUCAÇÃO

Se o grande mal do processo de institucionalização da sociedade industrial é a perda da autonomia individual, logicamente, a proposta de sua superação residirá no resgate desta última. É neste ponto que Ivan Illich introduz o conceito de convivialidade, significando a retomada dos laços comunitários e pessoais.

As instituições conviviais se opõe, portanto, ao que ele denominou instituições manipulativas, “dedicadas a fazer objetos, normas rituais, a produzir e remodelar a 'verdade executiva', a ideologia ou decreto que fixe o valor corrente a ser atribuído a seu produto” (ILLICH, 1973, p. 108), exemplificada na figura da escola. A convivialidade seria caracterizada, por outro lado, por uma vocação de servir à própria sociedade que as cria, com a participação espontânea e voluntária de seus membros, que passam eles mesmos a controlar suas ferramentas e tecnologias, em detrimento dos gerentes e especialistas.

Particularmente, a instituição educacional é proposta a se reorganizar segundo teias, ou redes, de aprendizagem, que caracterizariam “um novo estilo de relacionamento educacional entre o homem e o seu meio ambiente” (ILLICH, 1973, p. 83).

Este sistema responderia a três objetivos distintos: proporcionar àqueles que desejassem aprender os recursos necessários; facilitar a troca e o intercâmbio do conhecimento, por parte daqueles que estivessem dispostos a fazê-lo e finalmente, proporcionar espaços abertos de debate e discussão. Para Illich, isto seria possível através de quatro redes⁶. A primeira, uma rede de “objetos de aprendizagem”, significando “coisas” a serem utilizadas no processo educacional, como por exemplo museus e bibliotecas. Neste sentido, ele destaca como o próprio domínio

6 “Oxalá tivéssemos outra palavra com menos conotações de armadilha, menos batida pelo uso corrente e mais sugestiva pelo fato de incluir aspectos legais, organizacionais e técnicos” (ILLICH, 1972, p. 129). A queixa do filósofo parece perder seu sentido, dado o significado positivo que o termo possui na atualidade, devido ao potencial democrático da Internet e da atuação em rede.

espacial se organiza em função de uma lógica de filtragem e de exclusão, na sociedade manipuladora.

Não só a sucata, mas também os logradouros públicos das modernas cidades tornaram-se impenetráveis. Na sociedade americana, as crianças são proibidas de se aproximarem da maioria das coisas e lugares por que são propriedade privada. Mas até nas sociedades que declararam o fim da propriedade privada as crianças são afastadas destes mesmo lugares e coisas porque são considerados domínio especial de profissionais e perigosos para os não-iniciados (ILLICH, 1973, p. 139).

À rede de objetos educacionais seguiria uma rede de troca de habilidades, onde pessoas de interesses compartilhados aprenderiam uma com a outra; uma rede de localização de pares/especialistas que se dispusessem a atuar como tutores e finalmente uma rede de serviços e recursos direcionada aos profissionais da educação⁷.

Também convém notar que a defesa de Illich da convivialidade tinha a intenção de alertar os países em desenvolvimento a respeito da possibilidade de adotar novas formas de organização social e produtiva, ao invés de reproduzirem o caminho traçado pelos países industrializados e saltando já para uma era pós-industrial, mais justa, participatória e sustentável (GAJARDO, 2000). Em seus termos:

Creio que o futuro promissor dependerá de nossa deliberada escolha de uma vida de ação em vez de uma vida de consumo; de nossa capacidade de engendrar um estilo de vida que nos capitará a sermos espontâneos, independentes, ainda que inter-relacionados, em vez demandarmos um estilo de vida que apenas nos permite fazer e desfazer, produzir e consumir -um estilo de via que é simplesmente uma pequena estação no meio caminho para o esgotamento e a poluição do meio-ambiente. O futuro depende mais da nossa escolhas de instituições que incentivem uma vida de ação do que do nosso desenvolvimento de novas ideologias e tecnologias. Precisamos de um conjunto de critérios que nos permitirá reconhecer aquelas instituições que favorecem o crescimento pessoal em vez de simples acréscimos (ILLICH, 1973, p. 96).

Estabelecidas as bases do pensamento *illichiano*, podemos agora perguntar: como relacioná-lo com a proposta também democratizante, também algo subversiva, de um autor

7 Visionário da Internet, das redes sociais, da educação digital? O resgate da obra de Ivan Illich é uma tendência atual em um momento em que por um lado, a educação formal evidencia que a obtenção de diplomas não é garantia de conhecimento ou de acesso ao mundo profissional e que, por outro, observamos o poder das tecnologias de informação e comunicação para a consecução da educação não formal. Em seu entender, o preconceito embutido na mudança de paradigma em direção ao ensino centrado no aluno pode ser explicado por uma questão de poder: “a instrução livre e competitiva é uma blasfêmia para o educador ortodoxo” (ILLICH, 1973, p. 42). Contudo, também é preciso ter em conta que tanto Illich, assim como Paulo Freire, defendiam um uso consciente da tecnologia educacional, ancorado em uma pedagogia crítica, visando a superação de desigualdades (KAHN & KELLNER, 2007).

contemporâneo seu, Luiz Beltrão? Embora nunca tenham se encontrado, até se saiba, e embora suas temáticas e abordagens sejam distintas, parece possível encontrar elos entre a proposta de reorganização convivial da sociedade e a Folkcomunicação.

AS PONTES FOLKCOMUNICACIONAIS E O HOMEM EPITEMEU⁸

O ponto de partida para estabelecer nexos entre os escritos de Ivan Illich e a Teoria da Folkcomunicação é nada menos que a linguagem, que na ótica de diversas disciplinas, é a construtora de nossa realidade:

Há cinquenta anos, nove de cada dez palavras que um homem civilizado ouvia eram-lhe transmitidas como a um indivíduo. Somente uma em dez lhe chegava como elemento indiferenciado de uma multidão - na sala de aula, na igreja, em reuniões ou espetáculos. As palavras eram então como cartas seladas, escritas a mão, bem diferentes da escória que hoje contamina nosso correio. Atualmente são poucas as palavras que tentam chamar a atenção de uma pessoa. Com regularidade de relógio, assaltam nossa sensibilidade as imagens, ideias, sentimentos e opiniões empacotadas e entregues através dos meios de comunicação, como artigos padronizados. Duas coisas se tornaram evidentes: 1) O que acontece com o idioma se tornou paradigmático para uma ampla gama de relações entre necessidade e satisfação; 2) Estes são, já, fenômenos universais, e nivelam o professor de Nova Iorque, o membro da comuna chinesa, o estudante de banto e o sargento brasileiro (ILLICH, 1979, p. 3).

Portanto, já em um primeiro momento identifica-se a questão de uma hegemonia linguística propulsada por um processo conhecido hoje por globalização, mas que nada mais é que o reflexo da sociedade criticada por Illich.

Estendida pelo mundo inteiro, esta industrialização do homem leva consigo a degradação das linguagens, e se torna muito difícil encontrar as palavras que fariam de um modo oposto as que ela engendrou. A linguagem reflete o monopólio que o modo industrial de produção exerce sobre a percepção e a motivação (ILLICH, 1985).

E embora, não tenha dedicado uma análise mais específica aos meios de comunicação de massa, pelo menos em suas obras mais distintivas, fica claro que são peças importantes na constituição desta realidade amalgamada pelos valores de uma classe dominante: “o secreto currículo da vida familiar, [...] da assistência médica, do assim chamado profissionalismo, ou dos

⁸ Na mitologia grega, Epimeteu e Prometeu eram dois irmãos. Ao contrário dos conselhos do primeiro, Prometeu se casou com Pandora, que logo deixou todos os males do mundo escapar de sua caixa. Em grego clássico, Epimeteu significa “olhar para trás” e se tornou sinônimo de bobo, de medroso, antagonicamente à coragem do irmão que depois roubou o fogo dos deuses para dar ao homem o controle da razão e da natureza, além da possibilidade de organizar a sociedade segundo regras e instituições.

meios de comunicação de massa têm importante papel na manipulação institucional da cosmovisão humana, linguagens e demandas” (ILLICH, 1973, p. 87).

Ora, se Illich irá adiante propor o retorno às relações conviviais, o núcleo da tese de Beltrão é uma oposição aos sistemas de comunicação hegemônica evidenciados nas duas citações anteriores. Recordando, a Folkcomunicação como comunicação de grupos marginalizados, caracteriza-se pela horizontalidade, equalizando entre emissores e receptores, pela dialogia, significando que este intercâmbio de papéis emissor/receptor é autêntico e pela participatividade, caracterizada tanto pela produção artesanal como pela interatividade na troca de mensagens. Neste ponto, a perspectiva de cultura popular de Illich se assemelha ao predicado beltraniano: “não é o recrutamento para instituições especializadas que leva a uma cultura popular, mas, sim, a mobilização de toda uma população” (ILLICH, 1973, p. 36).

Apesar de seu potencial e democratizante, a própria Folkcomunicação não deixa de ser um sistema, como pode ser percebido pelo simples fato de ser representada segundo um modelo de processo folkcomunicacional, inspirado no modelo ainda funcionalista do “*two step flow of communication*”. Contudo, Illich e Beltrão concordam que a comunicação entendida no sentido amplo de tecnologia ou ferramenta, deve estar à disposição das comunidades e indivíduos as quais servem, e não ao revés:

O que me interessa é a oposição entre uma classe de homens explorados e outra classe proprietária das ferramentas, se não a oposição que se situa primeiro entre o homem e a estrutura técnica da ferramenta, e logo, como consequência entre o homem e as profissões cujo interesse consiste em manter esta estrutura técnica. Na sociedade, o conflito fundamental afeta aos atos, aos fatos ou aos objetos aos quais as pessoas entram em oposição formal com as empresas e com as instituições manipuladoras. Formalmente, o procedimento contraditório é o modelo da ferramenta da qual dispõe os cidadãos para opor-se às ameaças que a indústria representa (ILLICH, 1985).

Mais do que isso, ao definir os classicamente os os grupos marginalizados que se utilizam da Folkcomunicação para seu propósito comum de “adquirir sabedoria e experiência para sobreviver” (BELTRÃO, 2001, p. 53) e para constituírem sua identidade frente às culturas de elite e de massa, o conceito de comunidade naturalmente emerge, assim, como na obra do filósofo austríaco:

As comunidades locais são valiosas. São também uma realidade em desaparecimento, uma vez que os homens deixam que as instituições de serviço definam, progressivamente, os círculos de seu relacionamento social. Em seu mais recente livro, Milton Kotler mostrou que o imperialismo dos “centros urbanos” destitui a vizinhança de seu significado político. A tentativa protecionista de

ressuscitar a vizinhança é simples apoio a este imperialismo burocrático (ILLICH, 1973, p. 156).

Agora, na atualidade também se observa a ampliação dos grupos originalmente identificados por Beltrão, diante das inúmeras situações em que a dicotomia massivo-individual, elite-popular, tecnológico-tradicional se impõe diante dos avanços das tecnologias de informação e comunicação. Os trabalhos que vêm sendo elaborados pela segunda e terceira geração de estudiosos da Folkcomunicação enfatizam o caráter espontâneo e coletivo de manifestações culturais que funcionam como meios de comunicação paralelos, desde o *grafitti* das metrópoles e passando por expressões como o carnaval de rua, o *Rap*, as comunidades virtuais da Internet, etc., mas tendo em comum o que Illich chama de ferramentas de convivialidade:

Longe de remover artificialmente as pessoas de seus contextos locais para juntá-las com grupos abstratos, o encontro de parceiros vai encorajar a restauração da vida local nas cidades das quais está, agora, desaparecendo. Alguém que recupere sua iniciativa de convocar seus colegas para uma proveitosa conversa também deixará de acomodar-se ao fato de ser deles separado por protocolos oficiais ou etiqueta suburbanas. Tendo-se uma vez convencido de que realizar algo em conjunto depende apenas de decisão para assim proceder, as pessoas insistirão que suas comunidades locais se tornem mais abertas ao intercâmbio político criativo (ILLICH, 1973, p. 156).

Dando continuidade ao trabalho de Illich, a pesquisadora do CIDOC Valentina Borremans preparou um guia de ferramentas conviviais incluindo fontes de energia e técnicas de construção “ecoamigáveis” (1978). Contudo, o maior potencial de convivialidade reside no âmbito da comunicação, incluindo não somente as manifestações folkcomunicacionais, mas a perspectiva das tecnologias de informação e comunicação.

Neste sentido, a obra de Ivan Illich, ao se contrapor às ferramentas manipulativas, aquelas tecnologias que bloqueiam a adoção de outras opções e escolhas (vide o automóvel e suas tecnologias associadas, em função das quais o transporte público é relegado), inspirou o desenvolvimento da computação pessoal, entendida como uma ferramenta de liberação individual. O pioneiro tecnológico Lee Felsenstein relata como a descrição do rádio popular, utilizado como ferramenta convivial na América Central, serviu de modelo para o desenvolvimento do PC, como uma forma de “mudar as regras do jogo”, em antagonismo dos computadores mainframes, pertencentes a grandes empresas e organizações que exerciam e controlavam o acesso à computação (LEVY, 1994). Posteriormente, a ética *hacker* destes

pioneiros irá culminar no movimento do *software* livre, similar à filosofia da convivialidade em sua proposição de promover a autonomia e a liberdade dos usuários da tecnologia.

Um passo mais além, Illich também antevê em suas proposta de redes de aprendizagem a emergência da Internet, como forma de conectar pessoas com interesses semelhantes. Somada a sua crítica do conhecimento científico, 'objetivo' e especializado como fator de relegação dos conhecimentos individual em tradicional, o acesso e a democratização que a Internet sinaliza em tempos atuais a transforma em ferramenta convivial por excelência. E neste sentido também se percebem avanços na Teoria da Folkcomunicação, na medida em que o território virtual mostra-se 'fértil',

principalmente para a germinação e o cultivo de relatos sobre as atividades desenvolvidas pelos agentes folkcomunicacionais, ampliando consideravelmente seu raio de ação. Além de garantir a sobrevivência de vários gêneros ou formatos de expressão popular, a web permite multiplicar os seus interlocutores, bem como ensejar o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia. [...] Capaz de potencializar o acervo cognitivo e a bagagem cultural dos grupos marginalizados e dos contingentes excluídos, a rede mundial de computadores propicia condições para a atualização dinâmica desta nova disciplina. No seu bojo, os gêneros, formatos e tipos folkcomunicacionais fluem regularmente através da web. Sem perder as identidades que lhes dão sentido histórico e vigor intelectual, eles ganham difusão além das fronteiras em que germinaram e floresceram (MARQUES DE MELO, 2008, p. 10).

Somando estas linhas de pensamento, a capacidade de organização que visa a autonomia, identificada nos novos grupos folkcomunicacionais pode ser equiparada à necessidade de “liberar os recursos críticos e criativos das pessoas, devolvendo aos indivíduos a capacidade de convocar e fazer reuniões -capacidade esta sempre mais monopolizada por instituições que dizem falar em nome do povo” (ILLICH, 1973).

Em comum a estes estudos, e também à obra original de Beltrão, a Folkcomunicação surge como uma opção de inserção destas classes marginalizadas no jogo político. É justamente a resistência por parte da sociedade dominante a estas novas formas de organização e de saberes tradicionais que Illich identifica em sua crítica às instituições e em seu chamamento às ferramentas conviviais:

A eficácia desse programa tradicional repousa na integração de aspectos técnicos, sociais e simbólicos, equilíbrio que em certo momento é abalado pela invasão da civilização médica cosmopolita. Esta substitui um programa de ação pessoal por um código pelo qual os indivíduos são levados a se submeterem às instruções que emanam dos terapeutas profissionais. Substitui a higiene centrada no ato pessoal por outra, centrada na prestação profissional de serviços. A instituição assume a gestão da fragilidade, e ao mesmo tempo restringe, mutila e finalmente paralisa a

possibilidade de interpretação e de reação autônoma do indivíduo em confronto com a precariedade da vida. A eficácia que as pessoas e as pequenas comunidades podem atingir ao tomarem conta de si mesmas, em uma sociedade tradicional, não é liberada na concorrência que caracteriza a forma de produção industrial. Quando o ideal de assumir a responsabilidade pela saúde é tomado por um serviço médico dominante, rompe-se definitivamente o equilíbrio entre as duas formas de produção complementares (ILLICH, 1975, p. 103).

A atual pesquisa folkcomunicação, com seu emergente campo teórico e metodológico parece responder à medida à urgência de também no âmbito da academia e da geração do conhecimento, abandonarmos os preceitos de uma sociedade industrial manipuladora e institucionalizadora, em direção a novas formas de pensar, agir e sentir:

Necessitamos de pesquisas sobre a possibilidade de usar a tecnologia para criar instituições que sirvam à interação pessoal, criativa e autônoma e façam emergir valores não passíveis de controle substancial pelos tecnocratas. Necessitamos de pesquisas que se oponham à futurologia em voga (ILLICH, 1973, p. 22).

Para finalizar, diferentemente de Beltrão, Illich é um pensador muito mais utópico, ainda que não seja um visionário que prescreva ou determine como a sociedade *será*, e sim, como ela *podia ser*. Se a crise descrita ao início desta reflexão tiver sua saída através da reorganização da sociedade, como acreditava Illich, seu futuro terá muito comum com as esperanças que podemos encontrar nos textos folkcomunicacionais, como pecebe-se abaixo:

Para ver o presente com clareza, imaginemos as crianças que logo brincarão entre as ruínas das escolas secundárias, dos Hiltons e dos hospitais. Nestes castelos profissionais convertidos em catedrais, construídos para proteger-nos da ignorância, contra o desconforto, a dor e a morte, os meninos de amanhã representarão de novo nas suas brincadeiras as desilusões de nossa Idade das Profissões, tal como nós reconstituímos as cruzadas dos cavaleiros contra o pecado e os turcos, na Idade da Fé, em antigos castelos e catedrais. Em seus brinquedos, as crianças associarão o grasnido universal que contamina hoje nossa linguagem com os arcaísmos herdados dos grandes gangsters e dos caubóis. Imagino-os chamando-se uns aos outros de «Senhor Presidente da Assembleia» ou «Senhor Secretário», em vez de «Chefe» ou «Xerife». Recordaremos a Idade das Profissões como aquele tempo em que a política entrava em decomposição quando os cidadãos, guiados por professores, confiavam a tecnocratas o poder de legislar sobre suas necessidades, a autoridade de decidir sobre quem necessitava de tal coisa e o monopólio dos meios que satisfaziam estas necessidades. Lembraremos como a Idade da Escolarização os tempos em que se treinavam as pessoas durante um terço da vida para que acumulassem necessidades prescritas, para durante os dois terços restantes passarem a ser clientes de prestigiosos traficantes que dirigiam seus hábitos. Recordaremos a Idade das Profissões como aquela na qual as viagens de recreio significavam o olhar fixo e formal para os estranhos e na qual a intimidade era um requentado programa de televisão da noite anterior, e votar era dar sua aprovação a um vendedor só para alcançar mais dele (ILLICH, 1979, p. 25).

Dadas as similaridades de conceitos como desinstitucionalização, redes de aprendizagem e convivialidade, entendida como oposição à sociedade hegemônica, podemos aproximar o pensamento de Ivan Illich e de Luiz Beltrão e seus seguidores em uma perspectiva de participação e de envolvimento democrático; chamemos-a de *folkconvivial*. É com este olhar, esperançoso e emancipador presente em ambas vertentes que folkcomunicadores, líderes de opinião, ativistas midiáticos possuem em si o potencial de se transformarem naqueles que “valorizam mais a esperança do que as expectativas”, que “amam mais as pessoas do que os produtos, os que acreditam que ninguém é desinteressante”; ou como os propôs chamar Illich, em homens epimeteus. RIF

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e expressões de idéias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

GAJARDO, Marcelo. Ivan Illich. **Prospects: the quarterly review of comparative education**, Paris, UNESCO: International Bureau of Education, v. 23, n. 3/4, p. 711–720, 1993.

ILLICH, Ivan. **La convivencialidad**. México: Joaquín Mortiz; Planeta, 1985.

_____. **O direito ao desemprego criador**: a decadência da idade profissional. Rio de Janeiro: Alhambra, 1979.

_____. Energia e equidade. In: LUDD, Ned (Org.). **Apocalipse motorizado**: a tirania do automóvel em um planeta poluído. São Paulo: Conrad, 2005.

_____. **Nêmesis da medicina**: a expropriação da saúde. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. **Sociedade sem escolas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

IVAN ILLICH. Um visionário que é preciso reler (entrevista com Olga Pombo e Rui Canário). **Revista Aprender ao Longo da Vida**, n. 4, p. 40-47, maio 2005. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/publicacoes%20opombo/Ivan%20Illich%20final%20a.pdf>>. Acesso em 12 set. 2010.

KAHN, Richard; KELLNER, Douglas. Paulo Freire and Ivan Illich: technology, politics and the reconstruction of education. **Policy Futures in Education**, v. 5, n. 4, p. 431-448, 2007.

LEVY, Steven. **Hackers**: heroes of the Computer Revolution. Nova York: Dell-Doubleday, 1984.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação na era digital. A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. **Razón y Palabra**, Monterrey, n. 49, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/magis/Marques_demelo2.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2011.

MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Luiz Beltrão**: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

POLLARD, Dave. Ivan Illich, the progressive-libertarian-anarchist priest. Disponível em: <<http://blogs.salon.com/0002007/2005/02/13.html>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

SCHMIDT, Cristina (Org.) **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.